



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM CIÊNCIAS
MATEMÁTICA E LINGUAGENS

SHEILA ANASTÁCIA DOS SANTOS MINDELO

**RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: A REFLEXÃO DO PROFESSOR
EM FORMAÇÃO SOBRE O ENSINO DA MATEMÁTICA**

BELÉM-PA

2019

SHEILA ANASTÁCIA DOS SANTOS MINDELO

**RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: A REFLEXÃO DO PROFESSOR
EM FORMAÇÃO SOBRE O ENSINO DA MATEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso - Memorial de Formação
- apresentado como requisito parcial para a obtenção do
título de licenciada plena em Educação Integrada em
Ciências, Matemática e Linguagem da Universidade
Federal do Pará - UFPA, sob a orientação da Prof.^a Ms.
Sílvia Danielle da Cunha Smith.

BELÉM-PA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M663r Mindelo, Sheila Anastacia dos Santos
Residência pedagógica : A reflexão do professor em formação sobre o ensino da matemática / Sheila Anastacia dos Santos Mindelo. — 2019. 31 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Silvia Danielle da Cunha Smith Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - 3, Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

1. memorial. 2. Conhecimento matemático. 3. Licenciatura integrada. I. Título.

CDD 510.71

SHEILA ANASTÁCIA DOS SANTOS MINDELO

**RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: A REFLEXÃO DO PROFESSOR
EM FORMAÇÃO SOBRE O ENSINO DA MATEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso - Memorial de Formação - apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada plena em Educação Integrada em Ciências, Matemática e Linguagem da Universidade Federal do Pará - UFPA, sob a orientação da Prof.^a Ms. Silvia Danielle da Cunha Smith.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Ms. SILVIA DANIELLE DA CUNHA SMITH

Examinadora interna: Prof^a Dr^a. VALÉRIA RISUENHO

Examinador interno: Prof^a Dr^o. EDUARDO PAIVA PONTES VIEIRA

DATA DA DEFESA: ____/____/____

CONCEITO: _____

Dedico este memorial a minha filha, que apesar das dificuldades vividas em seus 7 anos de vida, me mostra o quanto sorrir é essencial, o quanto a vida vale à pena e o significado do verdadeiro amor!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser o doador da vida e da minha saúde, possibilitando a cada amanhecer forças para que eu continue.

Ao meu esposo, parceiro, amigo e meu alento, Eliseu. Por compreender todas as minhas ausências, estar sempre ao meu lado e, principalmente, por me incentivar de todas as formas.

A minha querida orientadora Silvia Danielle Smith, pelo exemplo da mais perfeita combinação entre sabedoria e competência. Obrigada por confiar no meu trabalho quando eu mesma achava que seria incapaz, por respeitar meu ritmo para a produção desse memorial, por ser generosa e uma professora preceptora maravilhosa. E, acima de tudo, por entender todas as dificuldades que passei durante esse ano que trabalhamos juntas. Muito obrigada!

À professora Doutora Valéria Risuenho, responsável pela oportunidade que tive de fazer parte do Programa Residência Pedagógica, obrigada pela acolhida e por sua sabedoria, suas contribuições foram essenciais no desenvolvimento desse trabalho.

Ao professor Doutor Eduardo Paiva Pontes Vieira por ter me ajudado a não perder minha vaga no curso e por ter feito uma enorme diferença na minha formação com suas aulas inesquecíveis e significativas para meu melhor aprendizado. O senhor foi o primeiro professor da graduação que viu meu potencial e sou grata por isso.

Ao meu Pai, por sempre ter investido nos meus estudos mesmo quando eu ainda não entendia o valor disso. Agora já entendo e sou eternamente grata por ter tido essa oportunidade.

A minha irmã de alma, comadre e também paraninfa Carla Leticia, pelo apoio incondicional e por sempre ter acreditado que eu conseguiria.

A todos vocês **MUITO OBRIGADA!**

RESUMO

Neste memorial, procurei relatar alguns fatos marcantes que nortearam minha vida estudantil e acadêmica, passando pelo ingresso no Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará como aluna do curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagem locada no Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Analiso o processo de construção do conhecimento matemático durante o período de minha formação, destacando a atuação como estagiária no Programa Residência Pedagógica na Escola de Aplicação da UFPA, período que finalmente pude perceber e refletir sobre as dificuldades em relação aos conteúdos matemáticos não apreendidos até o momento. Nesse contexto, pude enxergar a significação dos ensinamentos transmitidos pelos meus formadores, principalmente tendo participado do Programa Residência Pedagógica, pois durante esse último ano pude de fato fazer o confronto entre passado e presente da minha realidade escolar, principalmente quando se tratava da matemática.

Palavras-chave: Memorial. Conhecimento matemático. Licenciatura Integrada

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.	01
UM POUCO DA MINHA TRAJETÓRIA DE ESTUDANTE: Da infância ao ensino médio	03
GRADUAÇÃO: renúncias, insistências e descobertas	10
PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Início da prática como professora	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

APRESENTAÇÃO

Memórias vão muito além de meros registros fotográficos, pois cada pessoa carrega consigo uma interpretação dos fatos ocorridos em sua vida. Não precisam ser lineares, pois, as vivências atuais podem fazer aflorar aquelas lembranças há muito adormecidas ou que se pensava não existir mais.

Apresento-me como graduanda do curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens, sendo locada no Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI) da Universidade Federal do Pará (UFPA), curso este que agrega a formação docente para os anos escolares iniciais envolvendo eixos e temas com o enfoque em um modelo de educação, que fortalece a integração entre os diversos saberes. Atuo como bolsista no programa Residência Pedagógica como sendo este, uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.

Neste trabalho procuro narrar alguns fatos da minha infância, os primeiros contatos com a escola, meu caminhar no ensino fundamental e as transformações no ensino médio, etapas que envolvem minhas alegrias e angústias; fatos que mostram que o que foi interiorizado diz respeito mais as relações afetivas do que ao conteúdo ministrado nas disciplinas, levando em consideração que afetividade e cognição nem sempre caminham pela mesma estrada, ponderando que “as memórias representam um recurso de (re) significação do passado que na relação dialógica com o presente se reconstrói, portanto, configura-se como um processo de autoconhecimento (Ramos Et.al, 2016, p.47)

Relembrando minha trajetória escolar, percebi no decorrer desse ano de 2019 durante minha experiência como residente, que a falta de conexão com a matemática ocorreu de experiências pautadas, muitas vezes, pela forma da apresentação dos conteúdos que comumente eram através de exposições na lousa, que não faziam sentido para mim fazendo com que ocorresse o distanciamento entre eu e alguns objetos matemáticos. A excessiva utilização de aulas de matemática “tradicional” é discutida nos trabalhos de AlrΦ e Skovsmose (2006) que consideram a importância da superação do **paradigma do exercício** na sala de aula, ou seja, o professor apresentar conceitos, ideias e técnicas matemáticas,

depois exemplificar superficialmente e, por fim passar uma bateria de exercícios, sem levar em consideração que alguns alunos podem não conseguir aprender dessa forma.

Destaco minhas experiências escolares que não foram bem-sucedidas com a matemática contrapondo com as vivências positivas no estágio no programa residência pedagógica, que me levaram a refletir o processo de ensinar e aprender dos conteúdos matemáticos que outrora me foram negados ou que não contemplaram meu aprendizado.

Enfatizo o que vivenciei e aprendi durante o período de estágio na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFPA) como Residente Pedagógica, de 11/11/2018 a 16/11/2019, onde tive contato com a prática em sala de aula e pude compreender melhor as teorias sobre a docência, pois ao me deparar com as dificuldades do ambiente escolar e os problemas enfrentados, aja vista que nenhum aluno é igual ao outro, cada um possui sua história, aprendi a conquistar espaços de conhecimentos e vivências para minha futura profissão. Na EAUFPA, finalmente pude exercer a docência de forma prática e atuante, realizando levantamento de informações através das minhas observações orientadas e inserção nas quatro turmas de 6º ano que acompanhei.

Nessa perspectiva considero que estudar a aprendizagem e o ensino da matemática, também chamada de Educação Matemática, possui grande importância para o desenvolvimento da formação do professor da licenciatura integrada, por ter características próprias, entre elas a compreensão do papel do professor que realmente reflete sobre a sua prática docente, fazendo com que seus alunos participem de maneira positiva na construção de novos conhecimentos.

Assim, pretendo neste trabalho fazer uma análise da minha trajetória de vida, não só como pessoa, mas também como professora em formação, estabelecendo relações entre as teorias aprendidas durante minha trajetória escolar, no curso de graduação e a prática pedagógica na sala de aula, no estágio residência pedagógica e no cotidiano. Para isso acreditei ser mais relevante utilizar a narrativa escrita como opção metodológica de pesquisa, consolidada em um memorial de formação (Ramos Et.al, 2016), que se constitui numa autobiografia, histórica e reflexiva, devendo ser combinado sob a forma de relato histórico, sintético e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que instituíram a minha trajetória acadêmica e profissional.

UM POUCO DA MINHA TRAJETÓRIA DE ESTUDANTE: da infância ao ensino médio.

No ano de 1995, tive minha primeira professora, “Tia” Ana, cujo nome completo não me recordo, ela foi responsável pelo meu processo de alfabetização. A professora era uma senhora de aproximadamente quarenta anos de idade, meiga, amável, educada, com voz doce, porém firme em suas atitudes. Com essa educadora estudei durante dois anos, ela me ajudou a desenvolver minhas habilidades tanto na escrita ao passar longos ditados diariamente quanto na leitura de diversos livros infantis. Freire ((1994, p.26) destaca a função:

Professora é professora. Tia é tia. É possível ser tia sem amar os sobrinhos, sem gostar de ser tia, mas não é possível ser professora sem amar os alunos mesmo que amar só não baste e sem gostar do que faz. É mais fácil, porém, sendo professora, dizer que não gosta de ensinar do que sendo tia dizer que não gosta de ser tia.

Acredito que assumir o papel de professora é mais que ser uma simples tia, pois uma professora, principalmente sendo ela dos Anos Iniciais, carrega a responsabilidade de guiar seus alunos em seu processo de construção da identidade.

Quando passei para a segunda série, meus pais me colocaram para estudar no Centro Educacional Fundação Ibifam (CEFI), que na época, era considerada como um semi internato e localizava-se no final da Rodovia Augusto Montenegro, já próximo a Icoaraci. Nessa escola, eu entrava de manhã e só retornava as 18h. Lá, vivi os melhores anos da minha vida! Era a escola dos sonhos de qualquer criança, enorme, com piscina, corredores imensos e largos, toda arborizada, com várias áreas de lazer e espaços educacionais diversificados: sala de multimídia, sala de teatro, academia de judô e dança e sala de música.

Nessa escola além das aulas regulares, também tínhamos atividades extraclases que fazíamos no contra turno. Tive a oportunidade de aprender interdisciplinarmente diversas coisas, tais como: em uma aula de teatro, aprender noções de meio ambiente através de uma contação de histórias; em uma aula de natação, aprender matemática utilizando o revezamento (Figura 1) e também aprendi muito além do que uma aula de judô poderia me ensinar, mas somente muitos anos depois pude enxergar isso.



Figura 1- Arquivo pessoal

Nesse momento da minha vida escolar, as aulas de matemática vinham acompanhadas de estratégias que traziam a exploração de materiais concretos para a interação dos conceitos que as professoras estavam trabalhando. A exemplo do Ábaco e do material dourado, que ficaram presentes até os dias atuais, mesmo que a sua utilização não estivesse tão presente em minhas lembranças, mas naquele momento de primeiro contato, para mim fez toda a diferença pois serviu para assimilar melhor os conteúdos ali ministrados, dentre eles posso citar "o aprender a contar" a partir da contagem de cada quadrado do material dourado.

Conforme os autores Davis e Oliveira (1994) que relacionam as fases de desenvolvimento das crianças, segundo Piaget, a etapa operatório-concreta que é a fase onde o pensamento lógico, objetivo, adquire supremacia, ou seja, quando a criança é capaz de diferir o real e o imaginário. Nesta etapa, a criança necessita de materiais que apoiem seu pensamento e que possam ser observados, manipulados, somente dessa forma ela pensará corretamente.

As metodologias aplicadas ao ensino utilizadas pela minha professora de matemática dos anos iniciais, também levava em consideração o modo que cada um de seus alunos aprendia pois lembro exatamente das diversas formas que ela procurava nos ensinar. Recordo das vezes que ela estava explicando algo no quadro e uma parte da turma não compreendia, ela não apenas repetia, mas sim procurada explicar de uma outra forma, considerando que cada aluno tem seu tempo para aprender.

No ano de 1997 iniciei a 4ª série e logo começaram os rumores de que a escola iria ser fechada a qualquer momento, até hoje não sei o motivo, mas recordo que era o comentário entre todos que ali estavam. Lembro que tentei esconder dos meus pais isso, pois sabia que

assim que soubessem iam querer me trocar de escola com medo que eu acabasse perdendo o ano letivo e isso me atrasasse na trajetória escolar. Meu pai se orgulhava por eu ser a mais nova da classe, afinal estava adiantada perante os demais e isso era motivo de felicidade para ele.

Como esperava, assim que meus pais souberam, já no final do primeiro semestre, que o CEFI seria fechado me trocaram de escola. Ali terminava uma linda história e iniciava uma outra não tão linda assim. Em consequência fui matriculada na escola Centro de Serviços Educacionais do Pará (CESEP Belém), locada no bairro da Pedreira, ambiente completamente diferente do qual eu estudava; minha escola anterior era enorme, rodeada por árvores e muito espaço para correr, pular, brincar, ser de fato criança uma vez que tínhamos a liberdade para isso. Senti falta até mesmo de algo que reclamava todos os dias: fazer fila logo na entrada para cantar o Hino Nacional e o Hino do Pará, diante da realidade da nova escola, na qual estava sendo obrigada a frequentar.

Minha nova escola não era pequena, muito pelo contrário, mas era uma estrutura completamente diferente da anterior. Era toda fechada, escura e sem vida. Grandes e diversas quadras, todas fechadas também. A sala de aula parecia uma prisão, me sentia enjaulada ali e meu tormento só estava no começo. Não parecia que estava em uma turma de 4ª série, os meninos já não se preocupavam mais em correr na hora do intervalo fazendo alguma arte e as meninas se preocupavam com o brilho labial da moda e não se importavam mais com o capítulo da “Chiquititas”, novela de destaque na época. Logo, não conseguia gostar de absolutamente nada daquela escola. Queria voltar para “minha escola”, queria continuar sendo criança.

As aulas no CESEP pareciam infundáveis, eu estava ali só fisicamente de fato, o pensamento estava na minha escola anterior e a comparação era inevitável, pois estava diante de uma metodologia que consistia no aluno não ter voz ativa, parecia que a professora possui todo o conhecimento e não importava os conhecimentos prévios da turma, e isso era completamente diferente da realidade a qual estava habituada, haja vista que Alarcão (2004) diz:

Nesta era da informação e da comunicação, que se quer também a era do conhecimento, a escola não detém o monopólio do saber. O professor não é o único transmissor do saber e tem de aceitar situar-se nas suas novas circunstâncias que, por sinal, são bem mais exigentes. (p. 15)

Na escola atual as aulas eram monótonas e em nenhum momento se importavam com os conhecimentos prévios dos alunos e muito menos em sanar as dúvidas, apenas o que o professor ensinava importava. Meu rendimento caiu totalmente e lembro que fui aprovada na média, mas quase fico em recuperação. Implorei aos meus pais que me tirassem daquela escola, mesmo sendo irrelevante minha tristeza para eles, pois nunca foram muito adeptos de demonstrar emoções, eles haviam de concordar o quão baixo estava meu rendimento escolar e ao ver deles "a escola era fraca", logo optaram por acatar meu pedido.

Estava muito empolgada, afinal ia ingressar na 5ª série e finalmente poderia usar canetas para escrever no caderno- na época somente a partir do ensino fundamental II que se usava caneta; lembro que eu e minhas amigas do IBIFAM sonhávamos com esse momento. Meus pais estavam decidindo em qual escola me colocariam, a única coisa que eu já sabia é que com certeza seria uma escola de freiras, isso não me agradava muito, mas eu acreditava que qualquer escola seria melhor que a que eu terminei a 4ª série.

Fui matriculada no colégio Santa Rosa, tradicional colégio de freiras localizado em bairro nobre de Belém, nada disso me agradou, dentre as escolas que poderiam ter me colocado, essa era justamente a que eu não queria estudar. Achava o uniforme feio, era uma escola muito longe da minha casa e conhecida por ser extremamente rigorosa com seus alunos. E de fato era. Desgostei completamente dos estudos, meu rendimento caiu quase em todas as matérias, permanecendo bom só em Língua Portuguesa e Redação, que eram as matérias que eu podia externar meus sentimentos e tinha voz ativa durante as aulas. No final da 5ª série fiquei em dependência em História, para desespero do meu pai que teria que pagar um adicional nas mensalidades do ano seguinte. Nessa escola, não fiz amizades significativas, me sentia uma estranha no ninho, não por falta de condições financeiras, esse nunca foi o problema e sim por não me sentir bem naquele meio, me via rodeada por pré-adolescentes mesquinhos e mal-educados, que se importavam mais com o que o outro possuía de bens materiais, do que com a índole da pessoa. E não, não estava acostumada com aquele mundo.

Nesse período que estudei lá, o que mais me marcou foi o fato de que durante as aulas de matemática, um possível erro sempre era visto como "falta de atenção", acredito que os professores pensavam que estavam ensinando para uma turma onde todos aprendiam da mesma forma e quem não aprendesse era porque "não tinha jeito mesmo" ou "não queria nada com os estudos". Pelo fato de me sentir desmotivada acabava não tentando me esforçar, pois sentia que ali eu não tinha direito de errar, somente de acertar.

O erro constitui-se uma oportunidade para o professor mostrar seu respeito ao aluno, pois o aluno não erra porque deseja; e mais, o erro é pista (dica) para a realização de sondagem às suas possíveis causas. Os erros de nossos alunos podem ser interpretados como verdadeira amostragem dos diferentes modos que os alunos podem utilizar para pensar, escrever e agir. (Lorenzato, 2010, p. 50)

É importante que o professor se atente primeiramente de onde vem o erro, pois há diversas formas dele acontecer, seja falta de atenção ou até mesmo uma deficiência de conhecimento dos conceitos prévios, e também levar em consideração a forma como o aluno interpretou o que foi ensinado.

Na 7ª série, fiquei novamente em dependência, agora em Matemática. Foi um tanto quanto proposital pois queria que meus pais me tirassem da escola e sabia que como ali a dependência em uma matéria era quase a metade de uma mensalidade, logo me colocariam em outro lugar para estudar.

Comecei a cursar a 8ª série no Colégio Sophos, ele era considerado o “Colégio do momento”, uma febre na época, a maioria dos adolescentes dos anos 2000 sonhavam em estudar nessa escola, porque era totalmente diferente das outras, era uma escola jovial, que oferecia novidades tanto em sua infraestrutura quanto em seu ensino. Oferecia aulas dinâmicas, com o auxílio de novas tecnologias, possuía vários laboratórios dentre eles os mais destacados eram os de Ciências e o de Informática e também não podia esquecer de citar o carro chefe da escola que era o ArtSophos- uma espécie de feira cultural que tinha uma proposta interdisciplinar, sempre utilizando alguma arte para apresentar algum tema ou conteúdo. Era a escola dos sonhos da maioria, não a minha.

Passei com muitas dificuldades pois não me interessava pelas aulas, não me sentia à vontade numa turma com quase 60 alunos, praticamente a gente nem se conhecia, parecia que o compromisso dos professores se limitava aos alunos que sentavam na frente e que entendiam facilmente as matérias, os outros eram inexistentes. Não quis continuar lá e achava que o problema estava nas escolas por serem de redes privadas, consegui convencer meus pais a me matricular em uma escola pública perto de casa para iniciar o ensino médio.

A melhor parte de ter estudado no Sophos foi a dependência em matemática que eu cursava no contra turno, tive um professor que foi de total importância pois em um ano consegui aprender conteúdos de várias séries anteriores que ainda não havia assimilado. As aulas dele eram muito legais e ele fazia a matemática parecer simples. Lembro muito bem de

suas aulas, bem dinâmica e sempre com alguma novidade, ora um jogo matemático ou um vídeo educativo. De fato, facilitou bastante minha compreensão com os conteúdos.

Nesse momento, esse professor foi contra a metodologia apresentada nos anos anteriores, pois ele fugia do tradicional e nos levava a pensar de um certo modo e refletir sobre a forma que estávamos pensando, sempre levando em consideração a forma que cada aluno aprendia e o tempo em que aprendia.

Iniciei o 1º ano do ensino médio na Escola Estadual de Ensino Médio Francisco da Silva Nunes, no meu querido bairro da Marambaia, quase não tínhamos aulas e quando tinha eu não entrava em sala. Fiz várias amizades, algumas boas e outras nem tanto. Estava com 14 anos, naquela fase difícil de mudanças no corpo, hormônios à flor da pele e vontade de abraçar o mundo de uma só vez. Conheci as drogas lícitas e comecei a fazer coisas erradas, fugia de casa para ir às festas, mentia para os meus pais e não me importava mais nenhum pouco com os estudos. Resultado: meu pai me tirou da escola no meio do ano letivo e me deixou de castigo em casa.

No ano seguinte, 2003, fui matriculada no Instituto Adventista Grão Pará (IAGP), acredito que foi a forma que meus pais encontraram para que eu pudesse aprender a seguir regras, pois essa escola segue uma religião, tem suas regras, muitas regras por sinal, e no ato da matrícula o responsável assina um contrato se comprometendo fazer com que o seu filho se adeque nas normas da escola, sendo ele adventista ou não. Eu só soube desse contrato no meu primeiro dia de aula, quando cheguei na escola e só pude assistir aula depois de tirar os brincos e o esmalte das unhas.

Nessa escola eu sabia que se não me esforçasse, provavelmente reprovava, pois, eram muitos conteúdos novos para assimilar e alguns professores não colaboravam, uma vez que, ao meu ver, a maioria se limitava a usar somente apostilas para ensinar os conteúdos, não ministravam aulas interessantes, somente aulas tradicionais. Tive muitas dificuldades em química, física e matemática. Não conseguia entender de forma alguma e então acabei ficando de recuperação no final do ano e precisando de notas bem altas para passar, contudo, com muito esforço, consegui ser aprovada para o segundo ano.

Em 2004 troquei novamente de escola, comecei a estudar no Sistema de Ensino Teorema, escola muito prestigiada na época por ter alto índice de aprovação nos vestibulares da cidade, como já estava próximo de fazer o processo seletivo, meu pai optou por me matricular lá. Gostei muito da escola, mas confesso que não aproveitei nenhum terço das

aulas e nem dos excelentes professores que ali estavam. Eu não levei a sério aquela oportunidade tão importante que estava tendo, não compreendia que somente através do estudo poderia alcançar meus objetivos de ser independente um dia. Anos mais tarde que de fato entendi isso.

Fiquei em recuperação em matemática, tanto no 2º ano quanto no Convênio (3º ano), precisava tirar 9,5 para passar e cairia na prova todos os conteúdos ministrados durante o ano. Com o auxílio de um professor particular e sentando para estudar, consegui tirar 10 nessas duas vezes. Aí eu tive a certeza que meu problema era irresponsabilidade com os estudos e não a matéria que era difícil, assim comecei a pensar que conseguiria continuar os estudos tentando o ensino superior.

No ano de 2006, passei em 2º lugar, para cursar Turismo, no vestibular de uma instituição privada chamada Instituto de Ensino Superior da Amazônia (IESAM), onde cursei apenas um ano, mas não me identifiquei com o curso, com a área e muito menos com a filosofia da instituição. Ao desistir do curso, comecei a frequentar um projeto preparatório para o vestibular chamado Renascer.

O projeto Renascer funcionava nos fundos da igreja do bairro onde eu morava, era um cursinho popular com mensalidade simbólica e tinha o intuito de proporcionar o acesso de um público com menor poder aquisitivo aos conteúdos das provas de vestibulares. As aulas eram pela parte da noite e todos os dias, inclusive sábados e domingos. Ali pude aprender coisas que não aprendi em 3 anos do ensino médio, mesmo tendo passado pelas melhores escolas da cidade. Os professores do projeto eram graduandos ou recém-formados e davam aula para adquirir experiência ou pela causa nobre. Lá, tive o melhor professor de física de toda minha trajetória, chama-se Dalson, “Dalsinho” como ele gostava que o chamassem. Suas aulas eram marcantes, incrível como ele fazia com que seus alunos se encantassem com a física. Até hoje me lembro de suas aulas porque consegui aprender a disciplina ministrada de forma significativa que fugia do paradigma do exercício, por serem aulas divertidas e dinâmicas, contextualizando sempre suas explicações.

Fazia cursinho mais para ter o que fazer fora de casa, nesse tempo morava com meus pais e nossa relação não era muito amigável, então quanto mais tempo fora de casa menos aborrecimentos eu tinha. Estudei no projeto dois anos seguidos (2007 e 2008), mas não cheguei a me inscrever em nenhum processo seletivo de ingresso à universidade pública.

Em 2009 comecei a estudar para concurso público, em busca de minha independência financeira. Ao iniciar essa nova fase, me identifiquei com as matérias que envolviam raciocínio lógico e língua portuguesa e percebi uma facilidade incrível para resolver as questões ligadas a matemática, logo minhas pontuações eram muito boas, mas não o suficiente para ser aprovada e classificada nos concursos que tentei.

Me desanimei e desisti da vida de ‘concurseira’, e em 2010 decidi estudar de verdade para ser aprovada no vestibular da **Universidade Federal do Pará**, pois prometi ao meu pai que seria o último ano que ele pagaria cursinho para mim e pedi que ele me matriculasse no melhor. Comecei a estudar no Universo Pré Vestibulares, local que apesar de ser muito renomado, pecavam por superlotarem as salas de aulas. Estudei 6 meses lá e parei por motivos de saúde. No final do ano optei pela licenciatura como escolha do curso somente por ter visto que a nota não era tão alta para passar, pois não me sentia preparada para disputar uma vaga em um curso muito concorrido.

Assim, fui aprovada no Processo Seletivo Seriado (PSS) de 2011, da Ufpa, em 7º lugar no curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências Matemática e Linguagem, vespertino/noturno. Eram 60 vagas e os 30 primeiros estavam automaticamente matriculados no turno da tarde podendo trocar caso alguém da noite aceitasse a troca. Como almejava um estágio o quanto antes, optei pela troca pois achei que seria mais viável ter o dia livre para estagiar.

GRADUAÇÃO: Renúncias, insistências e descobertas.

Iniciei o curso de Licenciatura Integrada no segundo semestre de 2011, concomitante a isso, engravidei e passei no concurso da prefeitura de Igarapé Miri para o cargo de vigilante sanitário. Eis que começou um grande dilema em minha vida, escolher qual caminho seguir a partir desse momento pois tinha acabado de iniciar uma graduação; descobri não só uma gravidez, mas uma gravidez de extremo risco e fui agraciada com um cargo como funcionária pública que poderia me deixar menos preocupada com minha questão financeira.

Lembro que assisti apenas um mês de aula, passava muito mal devido a gravidez, não fazia ideia que o curso me tornaria apta para lecionar para crianças e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), para falar a verdade não me imaginava lecionando para crianças, porém era minha oportunidade de ter um nível superior e eu já não podia mais me dar ao luxo de

escolha. Já havia saído da casa dos meus pais, estava grávida e precisava dar o melhor para minha filha. Diante de tudo isso, acabei optando por assumir meu cargo de funcionária pública, pois achava que era uma garantia de independência financeira e oportunidade de proporcionar um melhor futuro para minha filha.

Depois de alguns meses, desisti do meu emprego, não me adaptei na cidade e acabava sendo muito cansativo morar lá em Igarapé Miri e na capital, lá era uma cidade violenta e deserta, sentia muito medo por estar morando sozinha e retornei à Belém. Tive minha filha e quando ela estava com 1 ano decidi que voltaria a cursar meu curso na universidade. Consegui retornar no ano de 2013 como caloura, graças ao diretor da faculdade que não mediu esforços para me ajudar. Por não ter com quem deixar minha filha, ela me acompanhava nas aulas, todos os dias (Figura 2). Os colegas de classe a adoravam e os professores também. Todos foram um pouco de mãe e pai dela naquele momento, fui agraciada com isso (Figura 3).



Figura 2- Arquivo pessoal



Figura 3- Arquivo pessoal

Comecei empolgada no curso mesmo ainda não me imaginando dentro de uma sala de aula como professora, mas sempre acreditei que quando nos dispomos a fazer algo, precisa ser muito bem feito, então mesmo não me vendo como uma professora, teria que ter uma boa formação para consequentemente fazer um bom trabalho.

Lembro que em um dos temas, logo no primeiro semestre, tive uma professora que em uma de suas aulas nos disse que nós como professores dos anos iniciais, temos o poder de salvar ou destruir uma vida, por isso temos que ter muito cuidado com o que vamos ensinar,

em como vamos ensinar e principalmente não esquecer que tudo que falarmos nossos alunos irão acreditar, uma responsabilidade imensa.

Em 2014, precisei abandonar novamente o curso, estava com problemas financeiros, tive que arranjar um emprego. Retornei somente em 2016 e cursei apenas mais um semestre pois logo minha filha foi diagnosticada com um alto nível de alergia em sua pele e problemas respiratórios graves. Dessa vez pensei em abandonar de vez por diversos motivos, entre eles o fato de não me imaginar exercendo a profissão acabava por ser o motivo que mais pesava, porém devido a saúde fragilizada da Ísis, pude finalmente entender que precisava estudar e assim conseguir proporcionar tudo que ela necessitava e merecia.

Em 2017 retornei a UFPA após saber que essa era minha última chance, corria o risco de perder minha vaga no curso e precisava me formar o quanto antes. Decidi me dedicar, me permitir ser uma **boa aluna** naquele curso que escolhi como futura profissão.

Comecei a cursar o 4º semestre com a turma 2016/tarde e logo tive contato com a Educação Financeira, esse tema foi algo que despertou em mim a vontade de ensinar e aprender cada vez mais, me voluntariei no projeto sobre o tema e comecei a buscar mais conhecimentos sobre o assunto. Ia a palestras, oficinas, eventos no Banco Central, comecei a participar do Grupo de Educação Financeira da Amazônia (GEFAM) e por fim participei, como professora regente, de um projeto piloto que tinha como tema “Educação Financeira nos Anos Iniciais”, esse projeto aconteceu em uma escola chamada Emiliana Sarmiento que se localiza no bairro da Pedreira. Estava começando a me encontrar no curso e isso me deixou muito feliz.

No início do 5º semestre, em março de 2018, fui chamada para trabalhar no Programa Mais Educação como monitora de matemática, em uma escola em Ananindeua chamada Aime e Semple, aceitei o desafio e finalmente pude ter a certeza que estava no caminho certo. Descobri isso quando cheguei na sala de aula e me deparei com quase 40 alunos do 5º ano que sabiam pouco ou quase nada de matemática, na verdade uma boa parte sequer era alfabetizada.

Naquele momento percebi que não estava preparada para assumir aquele cargo, apesar de ter facilidade em matemática, isso não era suficiente para assumir uma turma com tantas demandas. Foi a primeira vez que tive contato com uma escola pública para de fato ser professora e sem meus professores comigo. Como eu iria ensinar algo que eu também ainda precisava aprender?

A escola possuía 4 turmas de 5º ano, a professora responsável por cada turma selecionou 10 alunos que apresentavam maior dificuldade para participar do projeto e assim terem um acompanhamento maior. Isso poderia ter funcionado se minha carga horária fosse maior, pois não tinha como dar atenção a todos os alunos em tão pouco tempo. Mas com a ajuda da monitora de português, dividimos a turma, enquanto ela ficava com 20 alunos, eu ficava com os outros 20, dessa forma conseguimos trabalhar melhor.

De acordo com D'Ambrósio (1996), quando afirma que “a função do professor é a de um associado aos alunos na consecução da tarefa, e conseqüentemente na busca de novos conhecimentos. Alunos e professores devem crescer, social e intelectualmente no processo”, isso deveria ocorrer, mas na prática nem sempre acontece.

Trabalhei o semestre inteiro no Mais Educação e meu trabalho lá, além de ser bastante elogiado, foi bem significativo aos alunos pois houve uma melhora considerável em seus desempenhos, acredito que isso se deu pela forma como decidi trabalhar em sala, uma vez que, se eles não sabiam as operações básicas, não tinha como seguir adiante com o conteúdo, então eu voltei ao início e ensinei coisas das series anteriores que não tinham aprendido ainda (Figura 4).

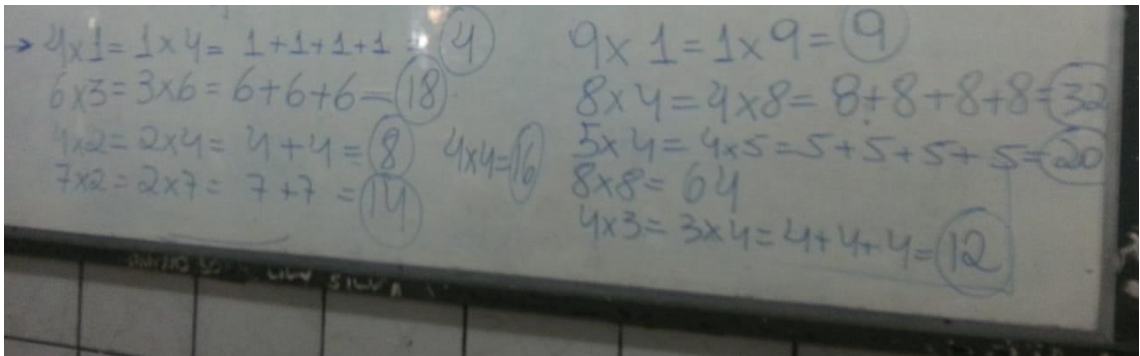


Figura 4- Retomando a Tabuada

“Não saber tabuada é o rótulo para o fracasso nos resultados de operações, enquanto que o saber é atribuído às respostas corretas, embora automáticas”, afirma Micotti (2005, p.60), corroborando essa ideia, decidir trabalhar com meus alunos a tabuada de uma forma que eles não a decorassem e sim a entendessem, sendo pela multiplicação ou através da adição.

Por conta de questões políticas, o programa foi suspenso. Fui informada que o prefeito não disponibilizou verba para que o programa fosse renovado, logo a escola teve que dispensar os monitores do Mais Educação.

Em agosto de 2018, antes de iniciar o 6º semestre, fiquei sabendo que uma professora da área da inclusão, estava selecionando uma pessoa para assumir a vaga de bolsista do seu projeto de extensão sobre Inclusão, me candidatei a vaga primeiramente pela ajuda de custo que uma possível bolsa me proporcionaria e também porque sempre me interessei pelo assunto. Fui selecionada, mas não pude ficar com a bolsa por possuir um Coeficiente de Rendimento Geral (CRG) que é o índice que mede, ao longo do curso, o desempenho acadêmico do estudante ao fim de cada período letivo- abaixo da média, mesmo assim, senti que o certo era continuar no projeto como voluntária e foi o que eu fiz. Desde então minha vida acadêmica foi se transformando, melhorando cada dia mais e isso me motivou a ser uma excelente professora e agora sei que conseguirei.



Figura 5-1º trabalho submetido e aceito. Ciclo de Estudos sobre Educação Inclusiva/IEMCI-UFGA

Chegando ao fim do 6º semestre, tive a oportunidade de estagiar em duas escolas públicas, sendo elas a Escola de Aplicação da UFGA, antigo NPI, que se localiza em um bairro da periferia de Belém e a escola Escola Madre Rosa Gattorno, localizada no bairro do Guamá. Essas escolas se encontram em realidades completamente distintas.

Enquanto uma por ser uma Escola Federal, tem uma melhor infraestrutura por dispor de melhores e maiores recursos, possibilitando um melhor aprendizado e excelente conforto aos alunos; realidade essa que infelizmente não existe no Rosa Gattorno, salas não adequadas, faltam recursos para melhoria da escola e até mesmo para merenda, triste realidade pois muitos alunos frequentam a escola principalmente para merendar, muita das vezes é a única refeição que eles fazem no dia. Isso me marcou muito porque como sempre estudei em escola

privada e lá tínhamos que levar ou comprar nosso lanche, até um tempo atrás não sabia o quanto era importante a merenda escolar e muito menos que era servida gratuitamente em todas as escolas públicas.

PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Início da prática como professora.

De acordo com o Portal do Governo Brasileiro, o Programa Residência Pedagógica, é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Tem também como premissas básicas o entendimento de que a formação de professores nos cursos de licenciatura deve assegurar aos seus egressos, habilidades e competências que lhe permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas da educação básica.

Em agosto do ano de 2018, fui uma das selecionadas para participar do Programa Residência Pedagógica, ainda não sabia como funcionava e confesso fiquei contrariada com tamanha burocracia para participar do programa. Como nosso curso nos deixa aptos a lecionar nos Anos Iniciais, 1º ao 5º ano ou EJA, 1º e 2º ciclos, alguns professores questionaram se realmente poderíamos participar, uma vez que nós iríamos ser lotados em turmas do 6º ano, mas com a intenção de retomar conteúdos matemáticos ainda não assimilados de series anteriores. Também foi questionado o fato do Programa ser uma residência exclusivamente na área da matemática

No início participamos de várias formações para compreendermos melhor os objetivos do programa e como ele iria funcionar. Por ser algo novo, muitos ajustes estavam sendo feitos e só começamos a parte prática no começo desse ano de 2019.



Figura 6- Uma de nossas reuniões de planejamento.

Em janeiro tivemos nossa primeira reunião de planejamento com a professora que seria nossa preceptora no Programa, Silvia Danielle, confesso que fiquei um pouco nervosa porque além de ter uma carga horária de 440h a serem cumpridas, pude perceber que o trabalho seria intenso, assumiríamos junto com a professora regente de matemática, 4 turmas de 6º ano, média de 30 alunos por sala. Não tenho vergonha em dizer que abracei à docência por uma necessidade e não por uma vocação. Mas não é por isso que não vou me dedicar ao máximo aos meus alunos.

Devido ao fato de ter tido um ensino fundamental II e ensino médio com muitas dificuldades em matemática, acabei acreditando que não sabia e nem tinha mais como aprender a matéria. Acabava que eu vinha aprendendo somente conteúdos para dar aula e não para de fato ensinar ao meu aluno de uma forma que ele aprendesse e não somente decorasse maneiras de resolver questões.

Senti dificuldades no início, mas procurei pesquisar, me informar, buscar lembrar o que já havia esquecido e aprender o que ainda não tinha compreendido. A adaptação ao processo pedagógico veio um pouco devagar, pude enxergar que a teoria que aprendemos durante a graduação é muito diferente da prática pedagógica quando nos vemos frente a frente com uma turma cheia de alunos em busca de conhecimentos para a sua vida e que buscam no seu professor um ponto de equilíbrio para as suas vivências.

Durante a graduação tivemos contato com a matemática, mas acredito que mínimo. Precisávamos de muito mais, uma vez que precisamos de fato conhecer tanto os conteúdos matemáticos quanto a didática, ou seja como ensinar aqueles conteúdos, contudo isso ainda não é suficiente, pois um professor requer constante formação.

Pude aprender com nossa professora preceptora, por sinal também é minha querida orientadora nesse presente memorial, que o processo de ensino-aprendizagem deve levar a criança a sentir a necessidade do aprender para aplicar no dia-a-dia. Entendo isso como estudo com significado que é baseado em atividades de questionamentos que levam a criança a comparar, refletir e elaborar novas hipóteses com o objetivo de apreender conhecimentos.

Ninguém poderá ser um bom professor sem dedicação, preocupação com o próximo, sem amor num sentido amplo. O professor passa ao próximo aquilo que ninguém pode tirar de alguém, que é conhecimento. Conhecimento só pode ser passado adiante por meio de uma doação. O verdadeiro professor passa o que sabe não em troca de um salário (pois se assim fosse melhor seria ficar calado 49 minutos!), mas somente porque quer ensinar, quer mostrar os truques e os macetes que conhece. (D'Ambrosio, 1996, p. 84)

Durante maior parte de minha vida escolar sentir falta exatamente disso, dessa entrega dos professores, o se preocupar de fato comigo como aluna independente de minhas dificuldades. Pude, agora ao viver a Residência Pedagógica, sentir novamente essa troca de conhecimentos e amor, tanto para comigo enquanto residente quanto para os alunos atendidos. Lembrando que até minha 4ª série tive a mesma vivência com minhas queridas professoras dos Anos Iniciais.

Cada vez mais é necessário e importante levar em consideração a questão da afetividade na sala de aula. Podemos encontrar alunos carentes de atenção, quando lhes propomos uma atividade, e se não houver a aproximação e interação entre professor-aluno a aprendizagem pode fracassar, devido à falta de incentivo. Os alunos precisam se sentir bem e importantes para que permaneçam motivados na construção do conhecimento matemático.

No momento que tive conhecimento de que uma aluna com necessidades especiais faria parte de uma das turmas do 6º ano na qual eu acompanharia, minha dúvida maior foi como fazer intervenções matemáticas pedagógicas para uma pessoa com múltiplas deficiências, entre elas a baixa visão e uma provável deficiência intelectual, como é o caso da educanda em questão.

Uma das primeiras atividades que desenvolvi com a aluna teve o intuito de saber quais eram seus conhecimentos matemáticos prévios, se conhecia os números e o processo de contagem. Partindo disso, percebi que a mesma contava de 1 a 10 usando os dedos da mão, mas logo depois detectei, por intermédio de uma tarefa, que se tratava apenas de memorização da sequência de palavras que representam os números. Utilizando papel A4, papel crepom e cola, pedi para que a aluna colasse ao lado de cada número a respectiva quantidade de

“bolinhas”. Ela conseguiu realizar o comando da tarefa, com nosso auxílio, porém não identificou os números, somente as quantidades (Figura 7)

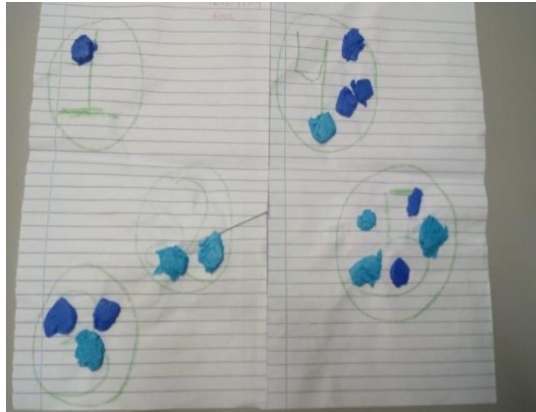


Figura 7- 1ª atividade que realizei com a aluna.

Sempre acompanhava essa aluna e desenvolvi vários outros trabalhos com ela, seja improvisando com o que tinha no momento ou produzindo materiais concretos para assim facilitar seu processo de ensino-aprendizado. Nesse processo, a educanda foi avaliada de forma contínua, levando sempre em consideração se o material manipulável utilizado, estava atendendo a necessidade da mesma e possibilitando uma ação pedagógica, caso contrário seria necessário uma nova adaptação para assim sempre motiva-la e continuar obtendo êxito em seu processo de alfabetização matemática através dos materiais manipuláveis.

Sabe-se que a dificuldade na aprendizagem da matemática é considerada grande, e só faz com que aumente o compromisso do professor que ensina a disciplina, então durante esse ano de Residência também pude vivenciar o projeto denominado “*O Ensino da Matemática através de oficinas de aprendizagem para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II*”.

Esse projeto funcionava no contra turno, uma vez por semana, e tinha como objetivo desenvolver oficinas pedagógicas através de atividades de matemática, utilizando tendências da educação matemática: resolução de problemas, modelagem matemática e jogos, e também desenvolver aulas com usos de materiais concretos e manipuláveis, com a intenção que os alunos assumissem uma postura diferenciada pela disciplina, alterando sua rotina de forma positiva ao propor essa abordagem diferente e mais significativa da matemática.

Tivemos várias oficinas, porém aqui, relatarei as duas que mais significaram para a minha formação: A *oficina do Ábaco* me ajudou a desconstruir uma ideia antiga e que até hoje

infelizmente ainda é ensinada e não é explicada corretamente; e com a *oficina do tangram* onde finalmente pude entender de onde vem o bloqueio que me fazia rejeitar aprender frações.

Antes de todas as oficinas, tínhamos reunião de planejamento, seja para a construção e elaboração dos materiais ou para nossa formação, já que precisávamos aprender e dominar aquele determinado conteúdo matemático antes de repassa-lo aos alunos para que assim conseguíssemos alcançar nosso objetivo de ensina-los.

Ábaco é um antigo instrumento de cálculo, formado por uma moldura com bastões ou arames paralelos, dispostos no sentido vertical, cada um corresponde a uma posição (unidade, dezena, centena, ...) e nesses bastões ficam os instrumentos de contagem (bolas, pinos, argolas, ...) que podem ser colocados e retiradas. É considerado a calculadora mais antiga do mundo sendo usado desde as civilizações antigas. Através dele podemos potencializar o aprendizado, a criatividade e a capacidade do aluno resolver novos desafios.

Participar da oficina do **ábaco** (Figura 8) foi determinante para que eu pudesse compreender o significado do “vai um” nas operações matemáticas. Esse “um que vai” quando por exemplo, somamos $19 + 9$, é uma dezena que, adequadamente é colocado na “casa” das dezenas. Antes dessa oficina não conseguia de fato entender esse aspecto, inclusive por não ter sido explicado desse modo quando cursava o ensino fundamental 1.

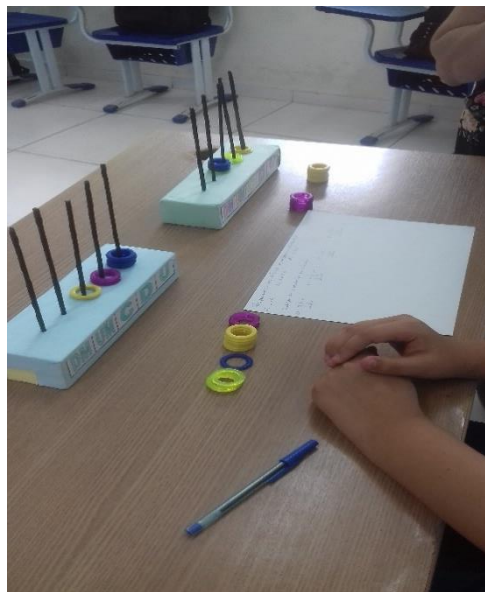


Figura 8- Representação de um determinado número utilizando o ábaco.

Eu tinha tanta dificuldade em determinados assuntos da matemática, que acreditava que não iria ser capaz de aprender e muito menos de ensinar. Estava enganada. Eu apenas precisava aprender de uma forma que facilitasse minha compreensão, de uma forma onde

pudesse entender o porquê de ser daquela maneira. Quando nossas dúvidas são sanadas, nossa confiança aumenta e conseguimos ensinar para que o aluno aprenda realmente.

Durante esse momento pude perceber o quão é importante estimularmos nossos alunos a criar, e o quanto eles se sentem importantes ao fazer isso. Essa oficina funcionou da seguinte forma: Dividimos a turma em grupos de 4 ou 5 alunos e cada grupo levou seu material para a construção do **Ábaco**, mediram, cortaram, pintaram, fizeram tudo isso com nosso auxílio e sob o olhar da professora regente. Após a construção, iniciamos a utilização do material criado através de exercícios com problemas matemáticos.

A oficina do **Tangram** foi totalmente esclarecedora para mim. Desde que soube que trabalharíamos frações com o auxílio do **Tangram**, pensei logo que essa seria a oficina que eu ficaria apenas no “apoio” devido à grande dificuldade e bloqueio que me acompanhava há anos (desde a época do ensino fundamental) quando se tratava de frações. Nunca havia entendido o assunto, e isso me causou uma enorme barreira pois sempre que me deparava com algum exercício, ou algo que remetesse a fração, eu já nem tentava resolver ou me interessar, porque automaticamente achava que não conseguiria compreender.

Tangram é um quebra-cabeça chinês, composto por figuras geométricas, totalizando 7 peças- 2 triângulos grandes, 1 triângulo médio, 2 triângulos pequenos, 1 quadrado e 1 paralelogramo. Essas peças são chamadas de “tans” e a partir delas é possível criar diversas formas. Utilizar esse jogo aprimora as habilidades em resolver problemas pois, para montar cada figura é necessário planejar onde cada peça será colocada; estimula a criatividade porque as peças permitem formar várias figuras podendo ser montadas de maneiras distintas; melhora também a noção espacial, uma vez que exige que as peças sejam posicionadas e rotacionadas, levando o cérebro a trabalhar as regiões responsáveis pelo reconhecimento e posicionamento de formas geométricas.

A lenda do **Tangram** fala que há cerca de 4000 anos atrás, um mensageiro partiu o espelho quadrado de um imperador, ao deixar cair no chão. Partiu-se em 7 pedaços e o mensageiro foi juntando essas peças a fim de remontar esse quadrado. Enquanto tentava resolver o problema, o mensageiro criou centenas de formas de pessoas, plantas, animais, até finalmente conseguir refazer o quadrado.



Figura 9 e 10- Formação sobre como trabalhar frações a partir da utilização do Tangram.

No que se refere à oficina sobre frações (Figuras 9 e 10), na abordagem feita a partir da manipulação de materiais, nesse caso utilizando o **Tangram**, pude compreender a relação parte-todo, relevante para entender frações. Esta experiência fez todo sentido e comecei a desconstruir a barreira que havia quando se tratava a qualquer coisa relacionada ao assunto frações.

A utilização do **Tangram** como recurso didático para o ensino de frações, nos auxiliou quanto ao desenvolvimento de problemas que desafiaram, motivaram e fez com que aumentasse a curiosidade dos alunos, possibilitando assim a observação, análise e discussão dos possíveis resultados encontrados, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem dos participantes do projeto.

Sendo assim ao usar o **Tangram**, possibilitou que desenvolvêssemos de forma contextualizada o conhecimento e ainda aborda-lo de forma crítica e reflexiva, partindo da compreensão e manipulação de figuras planas presentes no jogo para realizar atividades que

podem ser à base de conhecimentos efetivos no que se refere ao conteúdo de Frações, como conceito, comparação e equivalência.



Figura 11-Aluno utilizando o Tangram na oficina.

Pude construir, junto com os alunos, conceitos fracionários e geométricos, que não havia aprendido ainda (Figura 11). Foi de extrema importância pois ao invés de expormos nossas “certezas” como professores, criamos oportunidades para que os alunos procurassem as respostas havendo dessa forma uma troca de impressões e experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de rememorar, repensar e reviver, representou-me a possibilidade de enxergar a significação dos ensinamentos transmitidos pelos meus formadores, principalmente tendo participado do Programa Residência Pedagógica, pois durante esse período como residente, pude de fato fazer o confronto entre passado e presente da minha realidade escolar, principalmente quando se tratava da matemática.

Posso afirmar que as experiências aqui relatadas fizeram-me perceber que um dos aspectos mais complexos da formação de professores está em proporcionar experiências por meio das quais eles possam integrar seus conhecimentos, articulando-os na prática docente, superando o medo e o preconceito, uma vez que não exista uma fórmula certa, precisamos dar significados à nossa própria realidade, ao que sentimos e vemos.

Meu objetivo como professora será proporcionar aos meus futuros alunos uma formação que possibilite seu desenvolvimento pleno, da mesma forma que vivenciei durante a minha experiência nesses últimos 18 meses como Residente, onde pude compreender o papel do professor na transformação das práticas educacionais.

No uso do memorial de formação, precisamente pelas narrativas escritas, pude perceber que ganhei crescente voz. No processo de escrita, refleti sobre mim, expondo minha objetividade e subjetividade, exprimi aspectos afeitos do ser e do se fazer docente. Ao compartilhar minhas memórias, além de me conhecer melhor, pensei o presente e perspectivei o futuro. Aprendi que como futura professora posso me (re) construir por meio das minhas histórias de vida, das minhas vivências e experiências, em um processo dinâmico de (com) partilhamento.

Foi por meio da narrativa autobiográfica, que eu como futura professora pude ter um olhar mais profundo de como exercerei minha docência, aprendendo com minhas experiências, por meio das recordações que foram referenciais no decorrer de minha vida. Decerto, permitindo-me entrar em contato e compreender melhor sobre a minha subjetividade, lembranças e sentimentos.

REFERÊNCIAS

- AlrΦ, H.; Skovsmose, O. **Diálogos e Aprendizagem em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ALARCÃO, I. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- BICUDO, V. A. M^a. **Educação Matemática**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. BNCC. Brasília, DF, 2017.
Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>> Acesso em: abril de 2018.
- D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática: da teoria à prática**. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- DAVIS, C. OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. São Paulo, 1994.
- MICOTTI, O. C. M^a. Apenas Tabuadas. In: **Educação Matemática** 2. Ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- LORENZATO, S. **Para aprender matemática**. 3. ed. rev. Campina, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção de professores)